

MIGUEL, José Aparecido. A música necessária da Sinfônica de Campinas. Folha de S. Paulo, São Paulo, 01 maio 1979.

A música necessária da Sinfônica de Campinas

JOSÉ APARECIDO MIGUEL

Quem disse que todo mundo descansa no Dia do Trabalho? A Orquestra Sinfônica de Campinas, por exemplo, trabalha. Hoje às 21 horas, ela estará se apresentando na sede de Campo do Serviços Social do Comércio. Este é um dos 60 concertos da orquestra previstos para este ano, programados logo depois do susto pregado pelo vereador Hélio Rosolen, que propôs à Câmara de Campinas que fechasse a Sinfônica, por entender que ela representava um gasto supérfluo diante de outras prioridades. O projeto do vereador, votado no começo de abril, felizmente não foi aprovado.

Já aliviado do susto, o maestro Benito Juarez acha que em administração pública, dentro de uma planificação e de uma escala de necessidades, a música é uma prioridade. "É preciso resolver os problemas de saúde, de abastecimento de água, de saneamento que envolvem nosso povo. Eu pergunto: se fecharmos com a Sinfônica, vamos acabar com a miséria? Nossa participação, a participação do músico enfim, é essencial à comunidade também. O problema da miséria não está na existência da Sinfônica. Vamos, então, discutir, todos juntos, as razões da existência de uma população carente".

Benito Juarez, o maestro que organizou diversos corais, como o da Universidade de São Paulo e da Universidade Estadual de Campinas, onde é professor de regência, fica entusiasmado, até exaltado, para responder a alegação de que a sinfônica se manteve diante da pressão de uma elite. Gente do "bolso cheio", como diz Hélio Rosolen. "Olha, tem gente que tem um desprezo muito grande pela sensibilidade das pessoas mais simples. Eu tenho um testemunho contrário. O músico é alvo de muita atração, e muita gente desenvolve uma atividade tipo artesanal, enquanto atua. E quem fala que toda a elite sabe, conhece música sinfônica?".

O regente, que já trabalhou na TV Record de outros tempos, como violonista sob a batuta dos maestros Gabriel Migliori e Cyro Pereira, garante: "A música sinfônica nos leva a estágios de reflexão, que são muito importantes para se acabar com a miséria". Existe, na realidade, segundo Benito Juarez, um preconceito maior no episódio Rosolen, o vereador que foi classificado de "uma ameaça à cultura", em cartaz apresentado pelos defensores da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas. "É o preconceito de que o músico o artista não tem que ganhar. Ora, é preciso juntar as duas coisas: arte e profissão. Nós não temos a culpa da miséria. Os salários de nossos músicos, variam de 8 a 19 mil cruzeiros por mês. Isso é muito? Muito em relação a que salários? Onde fica a injustiça? Incluindo Campinas, existem onze orquestras sinfônicas no Brasil, em São Paulo, Rio de Janeiro,

Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte, e João Pessoa. Isso sim é o reflexo de nossa miséria cultural".

Na opinião de Benito Juarez, que iniciou sua carreira de regente aos 16 anos e assumiu a direção da Sinfônica de Campinas em 1975, os que não conhecem a verdadeira função da música acham que é necessário fechar tudo que não seja produto de alimentos, como jornais e universidades. "Gente que não conhece a verdadeira função da cultura. Qual o valor social de uma orquestra sinfônica? Eu respondo e assumo: com tantos problemas que vivemos, uma orquestra consegue demonstrar que as soluções estão nas manifestações coletivas; é um referencial de como se viver juntos, de procurar resolver problemas juntos, de solidariedade. Demonstra a beleza. Por que negar então um estado de esperança, de felicidade, se a orquestra também significa um elemento de escolha, uma opção? A música não é uma fuga, é uma caminhada para a vida".

O processo de "aldeia global" em que vivemos, diante da rapidez de troca de informações, leva o maestro a outras considerações: "as práticas intelectuais e artísticas seculares, queiram ou não, ficam despojadas do individualismo e está sendo derrubada, pouco a pouco, a fluência elitista da arte e da cultura, produzindo sempre e cada vez mais a disseminação de conhecimentos, acompanhando seus interessados de várias tendências. A

avaliação pública do que foi bom anteriormente, pode ser feita por maior número de pessoas no presente".

O que difere a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas das outras? O maestro Benito Juarez explica que a orquestra tem uma abertura total para a música de qualidade, um envolvimento social muito grande de participação comunitária, a partir dos próprios músicos que a compõem. A Sinfônica, onde a média de idade é de 25 anos, apresentou 56 concertos em 1977 e, no ano passado, 83. Fora dos teatros oficiais, a partir da direção de Benito, sempre esteve próxima a todas as camadas da população do centro e da periferia, nos cinemas, nas igrejas, no mercado atacadista do Ceasa-Campinas, em salões de clubes, sedes de campo, pátios de universidades e circos.

Para atingir o seu reconhecido sucesso, Benito Juarez e a orquestra, desde 75, desenvolveram novos métodos e esquemas de ensaios. "O relacionamento humano de todo conjunto é caracterizado por uma abertura democrática a todo tipo de crítica. Todos nós somos conscientes do nosso auto-aperfeiçoamento. Nossos músicos são profissionais dedicados e, por isso, lutam pela dignidade de seu trabalho. Esse problema criou uma instabilidade na orquestra, que foi superada porque todos estão aqui seguindo um trabalho, uma

ideologia. Mesmo assim, alguns foram envolvidos pela crise, acabando por nos deixar, embora a estrutura da Sinfônica permaneça. Agora, com 93 músicos, pretendemos recuperar a quantidade anterior, de 106 profissionais, pelo menos. Nós encampamos a valorização do profissional e hoje o mercado está aberto".

O primeiro trimestre deste ano foi dedicado ao trabalho de reciclagem, com estudos sobre a organização da orquestra pelos próprios músicos e ainda a elaboração do calendário artístico deste ano, tridimensionado: concertos oficiais, programas gratuitos em bairros e atuação inter-municipal, ao lado de outros projetos, como uma série de concertos patrocinados pela Funarte. Previsão: 60 concertos no ano.

A nível de Campinas, segundo Benito Juarez, a orquestra deverá fazer apresentações durante o primeiro semestre na periferia, em igrejas e outros locais, para tentar trazer todas as pessoas para a casa da orquestra, o Centro de Convivência Cultural e o Teatro Municipal Castro Mendes. "Vamos manter a mesma linha de valorização da música brasileira, de autores contemporâneos, além do repertório normal de todas as orquestras. Pretendemos realizar, ainda este ano, um trabalho com Egberto Gismonti, que compõe uma música mais elaborada. Devemos nos manter voltados, necessariamente, para a atividade social, perseguindo uma abertura sobre o estilo e a qualidade".

Benito Juarez, que trabalha em Campinas desde 1971, quando chegou a convite do então reitor da Unicamp, Zeferino Vaz, destaca o dimensionamento maior que a música conseguirá com o curso de regência e composição iniciado este ano na instituição, com 30 alunos. "Recebi e recebo da universidade, agora com o reitor Plínio Alves de Moraes, todo apoio para pesquisa individual."

Em geral, profissão do músico no Brasil, na opinião do maestro, ainda depende de muitos passos para sua merecida valorização. "Estamos lutando para alcançar esse objetivo, mas não é fácil sair de uma posição não-made para uma postura organizada. Uma coisa é certa: não estamos na montanha, mas também não estamos mais na colina".

Aberto a qualquer tipo de experiência musical — "quero olhar todas as estrelas sem exceção" — Benito Juarez enfatiza que é uma pessoa consciente do risco que assume. "Vamos dar os elementos para as pessoas escolherem. Na medida do possível, a boa música popular brasileira tem apoio. Isso ocorre com Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Egberto Gismonti e Hermeto Paschoal e outros. Nossa música está em processo de avanço, especialmente agora com uma possível abertura política que se fala aí".

MICHEL, José Ayrésido. A música necessária às Sinfonias de Campi-
nas. Folha de S. Paulo, São Paulo, 01 maio 1979.



Benito Juarez não concorda com a função elitista da música.